

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

Sade, cronista de sua época na sua correspondência
e na viagem à Itália [Sade, chronicler of his
time in his correspondence and travel to Italy]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy
of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	St-Martin, Armelle
Publisher	Universidade de São Paulo
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-02 02:44:14
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/153979

SADE, CRONISTA DE SUA ÉPOCA NA SUA CORRESPONDÊNCIA E NA *VIAGEM À ITÁLIA*

Armelle St-Martin¹

Resumo: Este artigo analisa os textos escritos por Sade quando ele estava em liberdade à luz do tema da corrupção e dos recursos linguísticos por ele empregados para se apresentar como um cronista competente em sua época. Nas suas descrições do universo das finanças e da população de Nápoles, ele evidencia sua posição de testemunha, no intuito de reforçar a autenticidade de seu relato e ser o único depositário da verdade. Duas outras estratégias contribuem para o mesmo objetivo. Sade denuncia, primeiro, as mentiras contidas em narrativas de outros autores. Na *Viagem à Itália*, seu alvo é Jérôme Richard e, na correspondência, são os jornalistas. Em seguida, ele recicla os clichés e os lugares comuns que circulam para afastar qualquer suspeita que o leitor possa ter de sua boa fé.

Palavras-chave: Sade – correspondência – relato de viagem – Itália – corrupção – Revolução francesa – finanças – escrita.

Em 1776, Sade é preso por “sodomia e tentativa de envenenamento”. Ele jamais compreenderá ou mesmo aceitará seu encarceramento, cujas consequências desfavoráveis o perseguirão até depois de sua liberação. Nem o período intenso de atividade revolucionária como membro da Seção de Piques, nem o fato de ter sido vítima de Robespierre apagarão doravante a reputação de homem corrompido e perverso que o Antigo Regime lhe havia atribuído outrora. Sade, porém, como ele próprio admitiu, jamais perderia seu tempo na prisão². Do claustro, nasceram contos, historietas e trovas, por certo descomedidos, mas que não chegam aos pés das obras escandalosas, como os *Cento e Vinte Dias* ou o igualmente transgressivo para a época, *O diálogo entre um padre e um moribundo*. A prisão foi para Sade uma

¹ Professora de literatura francesa da Universidade do Manitoba.

² Sobre esse plano, a experiência carcerária de Sade é similar à de vários escritores enclausurados, por exemplo: Diderot e Riqueti de Mirabeau. Masers de Latude (autor de longas Memórias que fizeram sucesso nas livrarias no fim do século XVIII) ou o advogado Linguet são outros nomes de homens de letras que, como Sade, fizeram bom proveito da estadia na prisão para se consagrar à atividade da escrita, apesar das condições difíceis. Jacques Berchtold explica que, a partir de 1760, “uma auréola gloriosa recobre, diante da opinião pública, o homem de letras embastilhado”. Ver BERCHTOLD, “Écrire de la prison”, p. 38.

escola de escrita e não unicamente uma escola de escrita da libertinagem. Sade tornou-se um escritor completo, formado, experiente em 1790. Ele domina as formas longas e breves. É excelente no diálogo polêmico. Note-se também que a característica sadiana de uma obra em duas versões, “a fala esotérica” (os textos pornográficos) e “a fala exotérica” (os textos assinados)³, já está presente durante o período de encarceramento. Todas essas técnicas de escrita estão fundamentadas numa erudição que, se não é aquela de um Diderot, está longe de ser negligenciável.

Se eu convoco nesta introdução a prisão e a escrita, é também e sobretudo para sublinhar que Sade escreveu, entre 1778 e 1789, em condições de tensões extremas, geradas pelo medo. Mas este continua presente nos períodos de liberdade. O temor da detenção, a angústia de uma enésima prisão, o pavor de uma possível condenação à morte formam o lote de emoções negativas que assolam o marquês cotidianamente durante sua fuga à Itália, depois, na sequência da sua liberação em 1790 e, finalmente, em 1794, após sua soltura. Os textos escritos fora da prisão são tão ancorados no traumatismo psicológico quanto *Os Cento e Vinte Dias de Sodoma*. O trauma desemboca necessariamente na escrita, mesmo fora dos muros ameaçadores da Bastilha. Assim, o ano na península italiana engendra a eclosão de uma relação de viagem; e a Revolução, seguida pelo Terror, dá nascimento a todo um conjunto de textos. Daí os opúsculos políticos e uma correspondência preciosa, na qual os eventos revolucionários ocupam um lugar central. Esses escritos compartilham a característica de não pertencerem à ficção. Cabe ainda aproximá-los porque foram escritos em períodos em que a vida de Sade e sua autonomia eram constantemente ameaçadas. Trata-se, aqui, de interrogar esse *corpus* de textos redigidos na liberdade e que formam, a meu ver, um conjunto bem particular, apesar das ligações evidentes com as obras de ficção ou aquelas escritas na prisão. A ancoragem desses textos no real, pelo viés do testemunho ou da reportagem, permite singularizá-los no *corpus* sadiano, ainda que estejam atravessados pelo fenômeno da corrupção, presente até a obsessão em toda obra de Sade e que estará no centro da minha análise.

A escolha desse tema certamente não é fortuita, pois ele remete a uma tópica que perpassa o conjunto dos escritos de Sade. Tal tópica se encontra tanto no grande montante romanescos, quanto no teatro, nas novelas, na correspondência ou no relato de viagem. Textos ficcionais e não ficcionais se reúnem nesse plano. Mas o que é preciso entender exatamente por essa palavra sob a pluma de Sade? Nos escritos que me interessam aqui, Sade emprega esse termo no sentido vulgar e não conforme a definição filosófica dada por d'Alembert na

³ Esses termos, que continuam a marcar a crítica sadiana, devem-se a Michel Delon e à sua análise de *A filosofia na alcova* (DELON, “Sade thermidorien”, p. 104). Ele retomará essa questão, notadamente durante a publicação das *Obras* de Sade na coleção da Pléiade, para acentuar a função do rumor público na elaboração das máscaras portadas por Sade.

Enciclopédia, na qual o matemático o associa à transformação da matéria: “A corrupção de uma coisa é sempre a geração de outra”, escreve ele. Na *Viagem à Itália* e na correspondência sadiana, a corrupção é sempre sinônimo de “vício”, de “depravação”; ela altera as qualidades morais daqueles que são por ela tocados. Seus efeitos nefastos se fazem também sentir no nível físico, já que ela afeta as boas qualidades do sangue. A corrupção causa desonra ao indivíduo. Ela pode também se estender a todo um povo, provocando, como no caso de Nápoles, uma degenerescência geral que afeta igualmente as ciências e as artes. Se Sade se mantém fascinado pela corrupção, ele jamais a elogia e adota o ponto de vista de um moralista, contrariamente à *História de Juliette* ou aos *Cento e Vinte Dias de Sodoma*.

Ronan Chalmin analisou o conceito de corrupção para mostrar a relação simbiótica, para não dizer dialética, que se estabelece no século XVIII entre as Luzes e a corrupção, a exemplo do par remédio/mal estudado por Jean Starobinski. Tirando a corrupção do campo da teologia, as Luzes a transformam num instrumento conceitual indispensável ao seu projeto ambicioso de reforma da sociedade. Para Ronan Chalmin, Sade deve ser associado a esse movimento e é possível interpretar *A filosofia na Alcova* segundo esse esquema, apesar da inversão radical dos princípios morais que o texto sadiano instaura: “Sade opõe [...] à exceção constrangedora da virtude, a universalidade benfeitora da corrupção, única capaz de insurreição e de transgressão, assegurando a salubridade e a felicidade da sociedade [...]”⁴. Como eu acabo de mencionar, o tratamento da corrupção evolui de um texto a outro, ou melhor, de um conjunto de textos a outro. Seria um erro abordar a corrupção de maneira monolítica. Se a conclusão de Ronan Chalmin pode ser verdadeira para *A filosofia na Alcova*, ela continua bastante discutível para *Os Cento e Vinte dias de Sodoma*, nos quais a corrupção não deve jamais desembocar noutra coisa senão a intensificação da volúpia.

Parece-me que os escritos não ficcionais de Sade – inteiramente ou em grande parte compostos em liberdade – oferecem um tratamento da corrupção que difere desse projeto das Luzes, que visa ultimamente a “aperfeiçoar” o tecido social e político sobre bases laicas. A tentativa da reforma como resposta à corrupção está certamente presente na correspondência sadiana e na *Viagem à Itália*. Da mesma forma, há nestas elos estreitos entre certos ideais das Luzes e a corrupção, mas esta última remete menos a um projeto filosófico do que a uma prática escriturária de autenticação do real. Consequentemente, sua presença no seio do texto sadiano está ligada, acima de tudo, ao imperativo de se “fazer verdadeiro”.

Como esse gênero de escrita, associado a um cotidiano banal e trágico, dá então corpo à corrupção? – Quais são os mecanismos que garantem sua autenticidade, sobretudo numa época na qual a invenção romanesca toma o lugar da informação? – Enquanto rumores, fofocas e difamação se passam por notícias, como Sade escreve com sua reputação de homem

⁴ CHALMIN, *Lumières et corruption*, p. 12.

corrompido, cuja imaginação seria desregrada? – A correspondência e a relação de viagem permitem a Sade mobilizar procedimentos similares de fundamento da escrita no real. Primeiramente, diante da degradação moral, Sade acentua sua posição de testemunha, cuja credibilidade deve ser constantemente reforçada, notadamente, pelo fato de que ele se apresenta como perseguidor da mentira. Mas ele deve, ao mesmo tempo, adaptar o testemunho ao horizonte da expectativa de seu interlocutor, sob o risco de perpetuar os lugares comuns que circulam sobre a corrupção. Dentro dessa perspectiva, a reciclagem de clichés populares não é outra coisa senão uma sorte de plágio empregado com fins estratégicos de autenticação.

É claro que a problemática da corrupção assim abordada deve levar em conta condições históricas que circundam sua emergência nesses textos e nós não podemos economizar na análise das fontes. No que concerne à base histórica dos escritos compostos sob a Revolução, após a liberação de Sade, minha investigação levará em conta a historiografia dessa época. Seria preciso várias investigações para explorar todas as ligações que se pode estabelecer entre os escritos de Sade desse tempo e os eventos da Revolução. Neste artigo, escolhi me ater essencialmente ao universo das finanças; questão que suscitou o interesse de pesquisadores apenas de maneira superficial, enquanto os historiadores esclareceram esse pano de fundo da Revolução de maneira mais precisa no curso dos últimos anos, seguindo o rastro dos estudos pioneiros de Albert Mathiez⁵. Eu constato que, sob a pluma dos biógrafos de Sade, o mundo das finanças esteve, sobretudo, ligado aos problemas de dinheiro de Sade e àquilo que lhes pareceu ser uma “obsessão” quase doentia de reclamar fundos. Não se trata, aqui, de negar que a relação de Sade com o dinheiro possa chegar à mania, mas essa constatação não deve encobrir o fato de que o marquês está literalmente imerso nas finanças parisienses no momento em que ele é liberado e que ele tem condições de alimentar a sua correspondência com fatos reais. Podemos então supor que ele escreve utilizando recursos linguísticos para valorizar sua posição de testemunha. As razões que o levam a pintar as finanças sob as cores da degradação não foram ainda suficientemente elucidadas.

A análise das fontes se coloca sobretudo em relação à *Viagem à Itália*, que pertence à longa tradição de relatos de viagem que Sade conhece bem. Por certo, as estratégias de escrita nesse texto são ditadas pelo próprio gênero⁶. Mas ao descrever o povo napolitano e sua

⁵ Ver MATHIEZ, Un procès de corruption sous la Terreur: l'affaire de la compagnie des Indes e Autour de Danton; BOUCHARY, Les manieurs d'argent à Paris à la fin du XVIIIe siècle; BRUGIERE, Gestionnaires et profiteurs de la Révolution: l'administration des finances françaises de Louis XVI à Bonaparte; CLAEYS, Dictionnaire biographique des financiers en France au XVIIIe siècle e HELLER, “Bankers, Finance Capital and the French Revolutionary Terror (1791-94)”.

⁶ Para investigações importantes sobre a poética da relação de viagem, ver PIOFFET e MOTSCH (org.), Écrire des récits de voyage (XVe-XVIIIe siècles). Esquisse d'une poétique en gestation; LINON-CHIPON, Gallia

degenerescência, Sade não faz nada além de imitar? – Ou ele trabalha também a matéria bruta do povo que ele tem cotidianamente sob os olhos? Para responder a essas questões, eu me baseei na *Descrição histórica e crítica da Itália*, de Jérôme Richard, que serviu, por assim dizer, de guia a Sade. Vê-se que a leitura da corrupção proposta neste artigo é ao mesmo tempo literária e histórica. Ela tem certamente os defeitos de todo método híbrido: notadamente, aquele de manter na sombra certos detalhes que ela deveria logicamente integrar. Ela permite, contudo, arriscar algumas conclusões sobre textos que jamais foram aproximados, certamente por causa de suas datas de composição muito distantes, embora neles encontremos características comuns que nos parecem bastante surpreendentes.

A testemunha dos costumes de seu tempo

Pouco depois de sua saída da prisão, Sade se instala numa casa da rua Neuve des Mathurins no Chaussée d’Antin, que “é então o bairro mais novo e mais brilhante de Paris”. Com seus hotéis particulares, ele abriga “gente da moda e devassos”⁷, mas também grandes senhores e financistas, dentre os quais muitos se enriqueceram graças ao aspecto mais lucrativo do comércio além-do-mar: o tráfico de escravos e as plantações de açúcar nas Antilhas. Às proximidades do bairro da Bolsa, também lotado de casas abastadas, e da rua Vivienne, pertinho do centro dos negócios dos banqueiros⁸, Sade está no coração da vida econômica parisiense. Mesmo se ele é repentinamente projetado num mundo que não parece mais com aquele que deixou doze anos antes, não há dúvidas de que ele é movido por uma energia que o conduz a observar tudo, a se misturar com todas as classes e a participar do tumulto político. Recém saído da prisão, ele deve afrontar a face inumana do universo das finanças, sobre o qual ele não poupa detalhes.

Sade tem o cuidado de traçar, primeiro, nas cartas frequentes que ele escreve aos advogados Gaufridy e Reinaud, o quadro geral da situação econômica desastrosa causada pela desvalorização do *assignat*⁹ na primavera de 1791. Longe de se colocar à distância na descrição dos efeitos nefastos da escassez de dinheiro, ele cria uma narrativa na qual ocupa o lugar central, ao lado de seu açougueiro e de seu padeiro. Sade lhes dá a palavra para ilustrar de maneira ainda mais surpreendente a recusa deles em servi-lo, pelo fato de que ele não tinha, “naquele dia, [...]

Orientalis Voyages aux Indes Orientales 1529-1722. Poétique et imaginaire d’un genre littéraire en formation e ROQUEMORA-GROS, Voguer vers la modernité. Le voyage à travers les genres au XVIIIe siècle.

⁷ LEVER, Donatien Alphonse François, marquis de Sade, p. 432.

⁸ HELLER, “Bankers, Finance Capital and the French Revolutionary Terror (1791–94)”, p. 186.

⁹ Nota da tradutora: título emitido pelo tesouro francês que virou papel-moeda durante a Revolução, porém perdeu todo o seu valor devido à desvalorização monetária.

nada além do que um *assignat* de 50 libras que ninguém queria, porque o dinheiro estava a 21 por cento”¹⁰. Mais adiante, ele acrescenta “que era extremamente penoso morrer de fome [...] com a carteira cheia de notas”¹¹.

Todavia, é diante da figura do banqueiro que Sade se mostra o mais vulnerável. Num encontro com um banqueiro parisiense, Baguenaut, ele parece uma presa inocente, confirmando assim a imagem desfavorável associada a essa classe de homens. Tendo aprendido pela experiência a inutilidade dos *assignats*, Sade vai ao encontro do banqueiro para tentar, sem sucesso, trocar em dinheiro uma carta de crédito de Reinaud. Sua correspondência descreve esse evento como uma cena de teatro de rua. Sade divide o episódio em três tempos, alcançando o clímax no retrato animal do financista: a solicitação polida (uma “graça”), imediatamente seguida de uma recusa acompanhada de uma injúria (“Baguenaut [...] mandou eu me f.”) e a conclusão final que sublinha que Baguenaut “devora”¹² seu almoço. Toda a cena assinala a impolidez, a presunção do personagem e seu lado voraz. Na sua correspondência com Reinaud, Sade retomará várias vezes os defeitos desse banqueiro. Sua desgraça é um testemunho pessoal que amplia, no espaço da carta, a repulsão geral que os banqueiros suscitam no conjunto da população, apesar da influência crescente deles na cena econômica e política. Esse revés acontece em junho de 1791. Sade, que frequenta as assembleias populares, não ignora em absoluto o preconceito que associa, aos olhos do público, a corrupção às finanças. Seria uma simples coincidência entre essa experiência negativa do marquês e o discurso público dominante? Retornarei a esse ponto. Essa questão torna-se ainda mais legítima quando sabemos que Sade tem constantemente falta de dinheiro e dificuldades enormes para obter os fundos dos quais ele diz precisar.

Assim como ocorreu após sua liberação de Charenton em 1790, um mesmo desejo de tudo ver, de tudo abraçar numa realidade que lhe era até então desconhecida anima Sade no seu périplo na Itália e, mais particularmente, em Nápoles. Nesta cidade, ele não hesita em se misturar tanto à camada social mais baixa, os lazarones, quanto à nobreza, cujos bailes ele frequenta. Por toda parte, porém, ele diz encontrar somente o declínio mais absoluto nos costumes. A festa da cocanha, que ele descreve como uma profusão de detalhes, é um emblema dessa corrupção generalizada que reúne a aristocracia ao povo mediante o espetáculo. Sade sublinha que é costume dar “quatro ou cinco cocanhas [...] durante o carnaval”¹³ : a escolha dessa festa popular não é portanto um acaso do ponto de vista das estratégias de autenticação da informação, pois ela permite ao escritor acentuar sua posição de testemunha pela reiteração da experiência visual.

¹⁰ BOURDIN, *Correspondance inédite du marquis de Sade, de ses proches et de ses familiers*, p. 288.

¹¹ BOURDIN, *Correspondance inédite du marquis de Sade, de ses proches et de ses familiers*, p. 288.

¹² BOURDIN, *Correspondance inédite du marquis de Sade, de ses proches et de ses familiers*, p. 289.

¹³ SADE, *Voyage d'Italie*, p. 178.

E ele não assistiu a uma única cocanha, mas sim a várias. Pode, então, falar com conhecimento de causa. Sade tem igualmente o cuidado de sublinhar seu olhar externo, que engloba um amplo panorama: a cena que ele descreve será apreendida a partir do “terraço”, que está acima do cadafalso. O que ele vê então? O drama “mais bárbaro que é possível imaginar no mundo”¹⁴ pela sua violência, que se estende aos animais “inumanamente sacrificados”¹⁵ e ao povo que se entredevora por um pedaço de carne. Sade conclui sua longa descrição com essa constatação, gerada pelas suas múltiplas observações: “Se é permitido julgar uma nação pelos seus gostos, suas festas, seus divertimentos, qual opinião devemos ter de um povo ao qual tais infâmias são necessárias?”¹⁶

Se essa prática napolitana é oferecida ao leitor como uma visão global acerca dos costumes, e se ela é descrita a exemplo de uma paisagem, outras descrições funcionam como cenas de gênero, nas quais o olho atento de Sade capta os detalhes da decadência da corte de Fernando IV. Aqui, há um baile onde ele só observa “aridez e tédio”¹⁷; lá, um salão onde “sua bolsa corre o risco”¹⁸ de ser esvaziada; noutra parte, uma festa oferecida pelo rei onde “os sorvetes são dados com colheres de estanho”¹⁹ e não de prata, já que esta é sistematicamente “roubada”, mais frequentemente pelos próprios membros da aristocracia.

Sade fornece ao leitor hipóteses científicas e históricas para explicar a depravação que ele observa em Nápoles. Elas passam, contudo, para segundo plano, pois são, no fim das contas, tão somente “reflexões” conjecturais. Em contrapartida, “o quadro” que ele pinta dessa nação é baseado numa escrita que cultiva um traço preciso e visual; tais recursos linguísticos permitem a Sade assegurar sua credibilidade de testemunha, reforçando os seus “eu não mentirei”²⁰, que pontuam sua *Viagem*.

Denúncias à mentira

Não surpreende que Sade afirme sua proibidade. Ele destinava *A Viagem à Itália* à publicação, cujo manuscrito estava praticamente terminado quando de sua morte. Gilbert Lely pôde, por conseguinte, publicar extratos dela pela primeira vez em 1967. Não estando evidentemente prometida à clandestinidade, a *Viagem à Itália* devia portar o nome de Sade. Porém, no momento da redação do texto, a má reputação do marquês é notória. Como confiar

¹⁴ SADE, *Voyage d'Italie*, p. 177.

¹⁵ SADE, *Voyage d'Italie*, p. 177.

¹⁶ SADE, *Voyage d'Italie*, p. 178.

¹⁷ SADE, *Voyage d'Italie*, p. 179.

¹⁸ SADE, *Voyage d'Italie*, p. 181.

¹⁹ SADE, *Voyage d'Italie*, p. 181.

²⁰ SADE, *Voyage d'Italie*, p. 185.

num homem acusado de impiedade e de horríveis crimes sexuais? A multiplicação das afirmações de boa fé trai seu desejo de assegurar sua honestidade. Paralelamente, ele recorre a uma estratégia recorrente nas relações de viagem: ressaltar mentiras e inexatidões daqueles que o precederam. Caçar as invenções dos outros para retificá-las faz parte dos recursos mobilizados pelo texto sadiano para afirmar a autenticidade de suas descrições.

Na *Viagem à Itália*, o alvo constante de Sade é o abade Richard e sua *Descrição histórica e crítica da Itália, ou Novas memórias sobre o estado atual de seu governo, das ciências, das artes, do comércio, da população e da história natural*, que data de 1766. É preciso, primeiramente, sublinhar a ausência total de hesitação do marquês ao copiar longas passagens da *Descrição histórica*. Nos seus escritos viáticos, talvez mais do que em outros lugares, trata-se de uma prática recorrente. A erudição de Richard parece, certamente, impressionante se julgada pela amplitude dos comentários sobre a Itália, expostos ao longo de seis volumes do seu guia. Faz parte, então, da lógica das coisas que Sade pilhe os conhecimentos do abade. Porém, seu verdadeiro interesse por esse texto está na denúncia de suas inexatidões. O valor testemunhal intrínseco ao relato de viagem prega que se forneçam provas de que o viajante não mente, conduzindo Sade à via da refutação. Acentuando os erros da *Descrição* de Richard, Sade tenta valorizar suas próprias competências de testemunha, como sublinha Maurice Lever²¹. Se ele tem condições de ressaltar “as mentiras”, “as imposturas” e as “ficções” de seu predecessor, é porque ele não apenas viu Nápoles, mas também examinou a cidade com olhos avisados e fiáveis, enquanto Richard recorreu tão somente à sua “imaginação romanesca”²².

Chantal Thomas, no seu prefácio a uma edição de bolso da “Viagem à Nápoles”, havia notado que os inúmeros sarcasmos de Sade contra o abade Richard tinham por objetivo divertir, primeiro o próprio Sade, mas sobretudo o leitor. Essas zombarias “valem como uma escansão da prosa às vezes puramente enumerativa e superficialmente informativa da *Viagem à Itália*”²³. O comentário de Chantal Thomas permite sublinhar a própria essência do guia de viagem: estabelecer um elo de confiança, feito também de cumplicidade, com o destinatário. Isso explica a ligação ambivalente que une Sade a Richard. De um lado, ele o homenageia secretamente copiando-o e, de outro, ele o deprecia. Os dois gestos são complementares e fazem parte de uma estratégia para se colocar como depositário crível da inacreditável realidade de Nápoles: “o mais belo país do universo habitado pela espécie mais embrutecida”²⁴.

Enquanto Sade escreve a seus notários, que habitam a Provença, ele deve também convencê-los de que suas descrições do caos causado pela Revolução estão longe de serem

²¹ LEVER, “Introduction”, *Voyage d'Italie*, p. 25.

²² SADE, *Voyage d'Italie*, p. 189.

²³ THOMAS, “Préface”, *Voyage à Naples*, p. 18.

²⁴ SADE, *Voyage d'Italie*, p. 177.

mentiras. O contraste que Sade estabelece entre a calma relativa na qual vivem Reinaud e Gaufridy entre 1790 e 1792 e a vida cotidiana tumultuosa que ele leva em Paris mostra que esses dois homens possuem uma ideia um tanto quanto vaga dos problemas da capital. Ironicamente, ele escreve a Gaufridy que “seis doses de Palais-Royal [o] trarão prontamente à razão”²⁵. Nessa época, as turbulências revolucionárias podiam parecer ainda irreais para Gaufridy, mesmo porque o advogado conhecia bem os talentos manipulatórios de Sade e os excessos mentirosos aos quais ele podia se lançar quando seus interesses estavam em jogo. Sua má-fé é proverbial. Sade tem consciência de que seus interlocutores estariam tentados a taxar seus relatos de impostura, não levando a sério sua percepção imediata da atualidade política. A exemplo da *Viagem à Itália*, ele multiplica frases do gênero “Vocês não imaginam...”²⁶, “Eu mostrarei a vocês duas coisas que vão surpreendê-los”²⁷ ou “saibam que”²⁸. Elas marcam sua vontade de dar um estilo didático às suas cartas. E como na *Viagem*, elas fazem parte de um conjunto de recursos linguísticos para retificar as fontes de informação que Sade considera falhas. Tal exercício permite que ele se imponha como o único detentor da verdade.

Contra o discurso difamatório dos “jornalistas [pagos para] dilacerá[-lo] em suas folhas”²⁹, Sade se esforça para restabelecer a exatidão dos fatos e discernir a seu advogado o que é “verdadeiro” daquilo que depreende a “quimera” ou o “horror” da mentira. Por exemplo, a favor de Reinaud, ele confirma o rumor que circulava sobre os motivos de sua transferência a Charenton em 1789: “Eu inflamava, diziam, por essa janela, o espírito do povo, eu o reunia sob essa janela, eu o advertia dos preparativos que se faziam à Bastilha, eu o exortava à lançar abaixo esse monumento do horror... Tudo isso era verdade.”³⁰

Nas múltiplas referências de Sade aos seus negócios, pode-se ver com clareza sua vontade de suspender qualquer outro discurso além do seu. Ele mostra um desejo intratável de impor sua voz. Primeiro, ele salienta minuciosamente “os erros” na gestão de seu dinheiro (sejam eles da ordem de um atraso no depósito de seus fundos ou da divergência entre duas tabelas de seus rendimentos), para em seguida impor sua fala. Ele descarta com um único gesto o sistema contável de Gaufridy para substituí-lo pelo seu: “La Coste [...] renderá tanto *líquido em bolso*.....Idem para Mazan..... Idem Arles..... Idem Saumane..... Total..... [...] e *eis tudo!*”³¹ Sua fala se impõe como a única instância do

²⁵ BOURDIN, *Correspondance inédite du marquis de Sade, de ses proches et de ses familiers*, p. 315.

²⁶ BOURDIN, *Correspondance inédite du marquis de Sade, de ses proches et de ses familiers*, p. 339.

²⁷ BOURDIN, *Correspondance inédite du marquis de Sade, de ses proches et de ses familiers*, p. 340.

²⁸ BOURDIN, *Correspondance inédite du marquis de Sade, de ses proches et de ses familiers*, p. 341.

²⁹ BOURDIN, *Correspondance inédite du marquis de Sade, de ses proches et de ses familiers*, p. 267.

³⁰ BOURDIN, *Correspondance inédite du marquis de Sade, de ses proches et de ses familiers*, p. 269.

³¹ LEVER, Donatien Alphonse François, marquis de Sade, p. 442.

discurso, como mostram essas frases nas quais o eu enunciativo domina: “Eu recebi tanto. Eu tinha tanto a receber. Resta a dívida de tanto.”³²

Se de um lado Sade impõe um silêncio implacável à fala individual de seus homens de negócios, de outro lado, ele se apoia nos lugares comuns que circulam sobre a corrupção deles para convencer seus interlocutores da autenticidade de seus propósitos e isentar seus escritos da mentira.

A voz dos clichês e dos lugares comuns

Desde a composição dos *Cento e Vinte Dias de Sodoma*, Sade exprime seu desprezo pelos financistas e arrecadadores de impostos. O insulto de “sanguessugas” que ele emprega em relação a esses homens é recorrente e remete ao desdém típico da aristocracia pelos indignos “manuseamentos de dinheiro”³³. Sob a Revolução, a mesma injúria persiste, mas sua forma sofre uma evolução: essa classe de cidadãos é associada doravante ao “vampirismo”. Ainda, o desdém por banqueiros se torna geral na população. Na boca dos revolucionários, as afrontas são particularmente violentas. Os membros da alta finança são vistos como os primeiros responsáveis pelas perturbações econômicas que abalam a França devido às manobras especulativas e à manipulação das reservas de produtos de primeira necessidade. Jacques Roux, no seu *Discurso sobre o julgamento de Laissez o último* (1792), qualifica-os de “especuladores parasitas” e “vampiros”³⁴. No ano precedente, Jacques Hébert havia lançado a mesma ideia, acrescentando o insulto “senhores João de merda”.

Denunciados e odiados pelos Jacobinos por causa de um oportunismo de rapina, os banqueiros o são igualmente pelo luxo ostentatório no qual vivem e que contrasta vivamente com a pureza da vida camponesa, tal qual imaginada por um Sébastien Mercier, por exemplo. Na realidade, uma visão radicalmente maniqueísta da atividade econômica sustenta essa crítica: para a base popular dos Jacobinos, os investimentos dos pequenos produtores nas suas artes e ofícios são uma fonte de riqueza pura e sólida, enquanto os investimentos daqueles que estão ligados ao dinheiro e às finanças pendem para a ausência dessa qualidade moral, ainda mais porque se trata de homens indignos, que estão na fonte de tais lucros³⁵.

Parasitas, corrompidos, vampiros, não faltam palavras para condenar os banqueiros. Repetidas incansavelmente sob o comando da Convenção, essas imagens acabam por se impor como o único discurso capaz de descrever o universo das finanças. A desgraça de Sade junto

³² BOURDIN, *Correspondance inédite du marquis de Sade, de ses proches et de ses familiers*, p. 256.

³³ DELON, “Notes et variantes”, *Les Cent vingt journées de Sodome*, p. 1135.

³⁴ HELLER, “Bankers, Finance Capital and the French Revolutionary Terror (1791–94)”, p. 180.

³⁵ HELLER, “Bankers, Finance Capital and the French Revolutionary Terror (1791–94)”, p. 181.

ao banqueiro Baguenaut ocorre mais ou menos no mesmo momento em que essa retórica de ódio alcança seu apogeu. Sade mostra que os pequenos comerciantes os qualificam de “patifes” e de “falidos”.³⁶

Na sua correspondência, Sade reproduz esses lugares comuns de maneira sistemática e não cessa de vituperar contra “os encarregados dos negócios dos senhores”³⁷ (Ripert, Lyons e mesmo Gaufridy), mas ele lança sobretudo o anátema sobre os novos ricos que são os fazendeiros de suas três propriedades. O prestígio econômico e social desses homens está em pleno crescimento; são verdadeiros capitalistas que empregam uma mão de obra assalariada camponesa para a exploração das terras, mediante contratos de arrendamento com os membros da nobreza. As palavras violentas a respeito deles na correspondência de Sade são tão numerosas que formam uma das principais telas de fundo desses escritos. Os insultos empregados pelo marquês evidenciam o mesmo campo lexical que as críticas dos *Sans-culottes*: preguiça, moleza, insensibilidade, voracidade, etc. Sade ataca diretamente o modo de vida fastidioso desses novos ricos. Denunciando o fato de que “vivem como príncipes”³⁸, ele os associa aos aristocratas infames. Os problemas financeiros que Sade deve enfrentar explicam uma tal retórica, sobretudo porque ele sente amargamente sua impotência diante das transações desonestas desses homens de negócios. Mas os ataques também estão ligados à função performativa da carta. Modelando sua fala conforme o discurso público dominante, Sade dá a seu testemunho uma força de verdade que ele não teria de outro modo. Assim, ele coloca a linguagem da corrupção dos Jacobinos a serviço de sua própria eloquência; aviltando o financista, ele espera apagar a infâmia que pesa sobre sua pessoa e convencer da pureza de suas intenções. Daí esse retrato bucólico que ele traça de si mesmo: “Tomo sopa uma vez em cada década, o resto do tempo são cenouras [...] No inverno, estou em tamancos, no verão, em sapatos de tiras [...]”³⁹. O interlocutor que escuta suas últimas palavras não as associará necessariamente a uma mentira, pois elas fazem parte da lógica do discurso da massa parisiense, que elogia o camponês e rebaixa o financista.

A *Viagem à Itália* é também um lugar onde clichês circulam abundantemente como meio de autenticação do testemunho. Sade alimenta suas descrições de Nápoles com lugares comuns que ele toma emprestado de outros viajantes. É preciso remontar, em primeiro lugar, a Montesquieu para ver se estabelecer, sobre a base do clima, um elo entre a decadência dos costumes e os povos do Sul, dentre os quais se situa a Itália. O *Espírito das leis* elabora assim uma visão desfavorável da Itália, que será sistematicamente retomada pelo conjunto de guias

³⁶ BOURDIN, *Correspondance inédite du marquis de Sade, de ses proches et de ses familiers*, p. 288.

³⁷ BOURDIN *Correspondance inédite du marquis de Sade, de ses proches et de ses familiers*, p. 334.

³⁸ BOURDIN, *Correspondance inédite du marquis de Sade, de ses proches et de ses familiers*, p. 374.

³⁹ BOURDIN, *Correspondance inédite du marquis de Sade, de ses proches et de ses familiers*, p. 374.

de viagem sobre a Itália publicados no século XVIII⁴⁰. A pintura da corrupção inata dos italianos é um motivo de escrita incontornável. Nenhuma relação de viagem fica isenta desse exercício. Sade não escapa à regra. Vimos exemplos disso no início deste artigo. Numa investigação sobre o Padre Labat⁴¹, eu havia mostrado que as estratégias linguísticas para depreciar o italiano fazem parte da poética, por assim dizer, do guia de viagem na Itália e que o objetivo buscado pelos franceses era afirmar a superioridade da própria nação. No caso de Sade, essa prática deve ser também concebida como um meio para se criar a *persona* de um observador competente e honesto. Fazendo eco a seus predecessores, Sade apaga os traços de subjetividade de suas descrições. Estas se baseiam então nos discursos recebidos sobre a península. O leitor, habituado com os mesmos comentários sob a pluma de viajantes tão sérios quanto o abade Richard, pode mais facilmente esquecer que eles provêm de um homem condenado à morte por contumácia.

No que concerne à corrupção dos costumes italianos, Nápoles é o alvo das críticas mais virulentas dos viajantes estrangeiros. Na sua *Viagem histórica à Itália*, Guyot de Merville, que escreve bem no início do século, afirma que a cidade é “habitad[a] pelos Diabos”⁴². Sobre esse ponto, o abade Richard parece manter-se à parte. Embora nos seus “costumes e usos” da cidade ele descreva a corrupção do povo, suas observações não são desfavoráveis à burguesia e à aristocracia. O exato contrário se passa em Sade. Este último vê a decadência dos costumes no conjunto da população. Além disso, sua relação de viagem é aquela que sublinha com mais força a corrupção dos napolitanos. Podemos nos interrogar sobre as razões dessa insistência. Será que a prostituição de pequenas meninas de quatro a cinco anos, da qual ele foi testemunha, ou a extensão da propagação das doenças venéreas lhe teriam lembrado os próprios deboches, que ele revive sobre o modo da alusão? É difícil responder a essa questão. Observemos, contudo, que cada exemplo de vício ao qual ele se atém representa uma ocasião para manifestar prontamente sua probidade moral mediante um comentário escandalizado, desaprovador ou mesmo piedoso. Vemos então ele “gemer” diante das devassidões infames do povo e “agradecer aos céus” por ter nascido numa “nação tão diferente”. Não resta dúvida de que se trata de um recurso para se impor como um homem virtuoso, logo, como um escritor crível.

Os textos que Sade escreve durante esses períodos de liberdade traem assim seu desejo de criar a imagem de um cronista fiável da realidade por ele testemunhada. Pode-se ainda debater as razões que o levam a consagrar à corrupção um lugar tão importante nas suas descrições, dentre as quais Nápoles parece ser um imenso teatro da degeneração para o viajante. O mesmo

⁴⁰ MOE, *The View from Vesuvius. Italian Culture and the Southern Question* e, particularmente, o primeiro capítulo: “Imagining the South, C 1750-1850”.

⁴¹ ST-MARTIN, “Identité nationale et altérités religieuses dans le Voyage en Italie du Père Jean-Baptiste Labat”, p. 194.

⁴² HERSANT, *Italiens. Anthologies des voyageurs français aux XVIIIe et XIXe siècles*, p. 568.

se passa em Paris, onde só se vê financistas crapulosos. Essas observações não são, contudo, oferecidas ao leitor de modo desconexo. Elas estão atravessadas por uma arte da escrita que tem por objetivo fornecer um fundamento de verdade ao testemunho. Apresentar-se como testemunha e ator de uma cena é uma técnica de composição própria às letras e ao guia de viagem de Sade. Esse primeiro procedimento desemboca naturalmente na denúncia dos falsos testemunhos, cuja fala mentirosa é preciso retificar a partir, justamente, dessa posição privilegiada de porta-voz da experiência vivida. Sade escreve, assim, dentro de uma lógica da autenticação. A integração dos lugares comuns aos seus próprios discursos apaga, por fim, as suspeitas que o leitor poderia eventualmente levantar a respeito do valor da sua fala.

O esclarecimento que acabo de lançar sobre Sade permite reexaminar certas fronteiras tradicionais que atravessam o fenômeno da escrita sadiana. A divisão entre as obras esotéricas e as exotéricas continua válida, pois assim quis Sade; seria difícil não levar a sério o seu “Eu o renego” a propósito de *Justine*, no fim de uma carta à Reinaud, o único homem de negócios que ele respeita. Além disso, não se pode ultrapassar as barreiras que existem no próprio interior do *corpus* das obras clandestinas; o inacabamento dos *Cento e Vinte dias de Sodoma* o singulariza, sobretudo à luz do processo de reescrita que caracteriza *Justine*. A correspondência sadiana é, contudo, o objeto de um distanciamento que não deveria ocorrer. Ela só é integrada ao *corpus* sadiano à guisa de “documento”, à margem das investigações sobre a ficção. No que concerne à *Viagem à Itália*, ela serve mais frequentemente para dar validade à *História de Juliette*. Ainda, a hierarquia que existe entre as obras de ficção e os escritos de tipo jornalístico – e que se manifesta pela inexistência de estudo de conjunto consagrado às cartas de Sade e à *Viagem à Itália* – está longe de ser justificada.

Minha investigação me autoriza a concluir que a correspondência e o relato de viagem possuem uma riqueza igualável às obras romanescas, mas esse valor não se apreende num só bloco. Por exemplo, o exame da ficção, assinada ou clandestina, jamais trará respostas definitivas ao problema das “máscaras” de Sade, esse “quem ele é?” que intriga um bom número de críticas. Em contrapartida, a questão “o que ele vê?” pode ser feita com toda legitimidade à correspondência e à *Viagem à Itália*. Estas últimas traçam com bastante evidência um certo limite entre as obras de imaginação e aquelas edificadas em torno da observação. Tenho consciência de que essa fronteira é porosa. Mas recusar-lhe toda pertinência logo de início é ignorar as facetas desconhecidas da voz de Sade, a saber: que ele pode ser uma testemunha fiável da realidade de sua época⁴³ e que seu uso da fala de outrem pode se situar longe de intenções transgressoras.

⁴³ Com mais de duzentos anos de distância dos eventos descritos por Sade, a historiografia da Revolução francesa e da cidade de Nápoles mostram que o testemunho do marquês se situa muito perto da verdade histórica: os

SADE, CHRONICLER OF HIS TIME IN HIS CORRESPONDENCE AND THE VOYAGE D'ITALIE

Abstract: This article focuses on texts written by Sade while he was free by shedding light on the theme of corruption and the linguistic tools used by Sade to present himself as a competent chronicler of his time. In his descriptions of the financial world and the population of Naples, he emphasizes his position as witness in order to reinforce the authenticity of his accounts and to be the only repository of the truth. Two other strategies are aimed at the same goal. Firstly, Sade denounces the lies that he found in the narrations of other writers: in the *Voyage d'Italie*, his target is Jérôme Richard and in his correspondence it is journalists. Secondly, he recycles clichés and commonplaces of the time in order to eliminate suspicions that the reader might have about his good faith.

Keywords: Sade – correspondence – travelogue – Italy – corruption – French Revolution – finance – writing.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERCHTOLD, Jacques. “Écrire de la prison”. In: DELON, Michel (org.). *Sade. Un athée en amour*. Paris: Albin, Michel, 2014, p. 34-43.

BOUCHARY, Jean. *Les manieurs d'argent à Paris à la fin du XVIIIe siècle*. 3 vol. Paris: Librairie des sciences politiques et sociales, 1939-1943.

BOURDIN, Paul. *Correspondance inédite du marquis de Sade, de ses proches et de ses familiers* [1929]. Genève: Slatkine Reprints, 1971.

BRUGIERE, Michel. *Gestionnaires et profiteurs de la Révolution: l'administration des finances françaises de Louis XVI à Bonaparte*. Paris: Orban, 1986.

CHALMIN, Ronan. *Lumières et corruption*. Paris: Honoré Champion, 2010.

CLAEYS, Thierry (org.). *Dictionnaire biographique des financiers en France au XVIIIe siècle*. 2 vol. Paris: SPM.

DELON, Michel. Sade Thermidorien. In: COLLOQUE DE CERISY: *Sade, écrire la crise*. Paris: Belfond, 1983, p. 99-115.

fazendeiros formam uma classe de capitalistas vorazes e a pintura da prostituição em Nápoles de pequenas meninas de até quatro anos não é uma invenção.

_____. “Introduction”. In: DELON, Michel (org.). *Œuvres de Sade*. Vol. 1. Paris: Gallimard, 1990, p. i-lxxxiv.

GUYOT DE MERVILLE, Michel. “Naples” [1729]. In HERSANT, Yves (org.). *Italiens. Anthologies des voyageurs français aux XVIIIe et XIXe siècles*. Paris: Robert Laffont, 1988, p. 568-572.

HELLER, Henry. “Bankers, Finance Capital and the French Revolutionary Terror (1791–94)”, *Historical Materialism*, vol. 22, no3-4, 2014, p. 172-216.

LEVER, Maurice. *Donatien Alphonse François, marquis de Sade*. Paris: Fayard, 1991.

LINON-CHIPON, Sophie. *Gallia Orientalis Voyages aux Indes Orientales 1529-1722. Poétique et imaginaire d'un genre littéraire en formation*. Paris: Presses de l'université Paris-Sorbonne, 2003.

MATHIEZ, Albert. *Un procès de corruption sous la Terreur: l'affaire de la compagnie des Indes*. Paris: F. Alcan, 1920.

_____. *Autour de Danton*. Paris: Payot, 1926.

MOE, Nelson. *The View from Vesuvius. Italian Culture and the Southern Question*. Berkeley: University of California Press, 2006.

PIOFFET, Marie-Christine et MOTSCH, Andreas (org.). *Écrire des récits de voyage (XVe-XVIIIe siècles). Esquisse d'une poétique en gestation*. Québec: Presses de l'Université Laval, 2008.

RICHARD, Jérôme. *Description historique et critique de l'Italie, ou Nouveaux mémoires sur l'état actuel de son gouvernement, des sciences, des arts, du commerce, de la population & de l'histoire naturelle*. 6 vol. Dijon, 1766.

ROQUEMORA-GROS, Sylvie. *Voguer vers la modernité. Le voyage à travers les genres au XVIIe siècle*. Paris: Presses de l'université Paris-Sorbonne, 2012.

SADE, Donatien. *Voyage d'Italie*. Maurice Lever (Ed.). Paris: Fayard, 1995.

_____. *Voyage à Naples*, Chantal Thomas (Ed.). Paris: Editions Payot et Rivages, 2008.

ST-MARTIN, Armelle. “Identité nationale et altérités religieuses dans le *Voyage en Italie* du Père Jean-Baptiste Labat”. In: ST-MARTIN, Armelle; VISELLI, Sante (org.). *Les Lumières au-delà des Alpes et des Pyrénées*. Paris: Hermann, p. 183-203.